

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE ARTES
BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

JÚLIA RIOS TOUGEIRO

**CONSUMO DE LIVROS DE ROMANCE POR MULHERES NA UNIVERSIDADE
FEDERAL FLUMINENSE**

**NITERÓI
2025**

JÚLIA RIOS TOUGEIRO

**CONSUMO DE LIVROS DE ROMANCE POR MULHERES NA UNIVERSIDADE
FEDERAL FLUMINENSE**

Projeto apresentado ao Curso de Graduação
em Produção Cultural da Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
obtenção do Grau de Bacharel

Orientadora.: Ana Clara Vega

Niterói
2025

"That's life. You're always making decisions, taking paths that lead you away from the rest before you can see where they end. Maybe that's why we as a species love stories so much. All those chances for do-overs, opportunities to live the lives we'll never have."

(Emily Henry, Book Lovers)

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

T722c Tougeiro, Júlia Rios
 Consumo de livros de romance por mulheres na Universidade
Federal Fluminense / Júlia Rios Tougeiro. - 2025.
 50 f.

 Orientador: Ana Clara Vega M. V. Ferreira.
 Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2025.

 1. Mulher. 2. Leitura. 3. Romance. 4. Amor na Literatura. 5.
Produção intelectual. I. Vega M. V. Ferreira, Ana Clara,
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia **vinte e quatro de julho do ano de dois mil e vinte e cinco**, às **catorze horas**, realizou-se a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **CONSUMO DE LIVROS DE ROMANCE POR MULHERES NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**, apresentado por **Júlia Rios Tougeiro**, matrícula **221033059**, sob orientação do(a) **Ma. Ana Clara Vega M. V. Ferreira**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Ma. Ana Clara Vega M. V. Ferreira**

2º Membro: **Dra. Marina Bay Frydberg**

3º Membro: **Dra. Carolina Fabiano de Carvalho**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):



Aprovado



Reprovado

Com nota final após arguição: 9,0

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:



Documento assinado digitalmente

ANA CLARA VEGA MARTINEZ VERAS FERREIRA

Data: 26/07/2025 11:14:03-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ma. Ana Clara Vega M. V. Ferreira
Presidente da Banca

Agradecimentos:

Primeiramente, a Deus

Agradeço à minha orientadora Ana Clara Vega, que teve paciência e me guiou nesta trajetória.

Agradeço à minha família, que me apoiou em cada momento.

Ao Matheus Conti, meu refúgio.

Aos Bons, sem eles eu não teria conseguido, na felicidade e na tristeza com muitas risadas independente do tempo e me mostrando que eu posso sim ser fã e nerd por onde eu for.

Aos meus amigos da igreja por todas as orações.

Aos professores de Produção Cultural, por batalharem pelo nosso curso.

À Universidade Federal Fluminense.

Obrigada por fazerem parte dessa conquista que venham muitas outras.

Resumo

Este trabalho investiga o consumo de livros do gênero romance por mulheres estudantes da Universidade Federal Fluminense, abordando a trajetória histórica do romance, seu vínculo com a experiência feminina e o papel da leitura como prática de lazer. Por meio de revisão bibliográfica, análise documental e levantamento, discute-se como o romance, historicamente associado ao universo feminino, reflete e influencia formas de sociabilidade, identidades e práticas culturais. O estudo também problematiza os desafios de acesso à leitura e ao lazer, considerando tanto elementos históricos quanto relações contemporâneas, como a influência das redes sociais e dos clubes de leitura no engajamento feminino com o gênero. Os resultados apontam que o romance, além de entretenimento, é espaço de autonomia, conforto emocional e formação identitária para as mulheres pesquisadas. Palavras-chave: romance; leitura feminina; lazer; identidade; clube do livro

Abstract

This study examines the consumption of romance novels by female students at the Fluminense Federal University, exploring the historical trajectory of the genre, its relationship to female experience, and the role of reading as a form of leisure. Through bibliographic review, document analysis, and a survey, the work discusses how romance historically linked to the female universe reflects and shapes social interactions, identities, and cultural practices. The research also addresses the challenges of access to reading and leisure, considering both historical factors and contemporary dynamics, such as the influence of social media and book clubs on women's engagement with the genre. The results indicate that romance novels, beyond entertainment, serve as spaces for autonomy, emotional comfort, and identity formation for the participants.

Keywords: romance; women's reading; leisure; identity; book club

Lista de Ilustrações

Figura 1: Beijo na Time Square.....	16
Figura 2: Dados de Idade da Pesquisa	31
Figura 3: Número de participantes do grupo do telegram.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1.A CONSTRUÇÃO DO ROMANCE: HISTÓRIA GÊNERO E LEITURA FEMININA...	13
1.1 Trajetória histórica do gênero do romance.....	14
1.2. Explicação do gênero: o que é o romance.....	21
1.3 Contexto feminino com o gênero: formação e relação da mulher com o romance.....	23
2.HÁBITO E HISTÓRIA.....	25
2.1 Hábito de leitura: formação e influência do romance.....	26
2.2 Formas diferentes de leitura: início, meio e fim.....	30
3. LAZER FEMININO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL.....	34
3.1 Relação histórica entre Lazer e Mulher.....	34
3.2 O lazer como descanso e a busca pelo descanso.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

Em 2022, o desejo de começar um clube do livro apareceu dentro do meu grupo de amigos da faculdade. Todos nós começamos juntos no curso de Produção Cultural em 2021.2 e logo percebemos esse interesse em comum por histórias.

Como uma leitora ávida desde a minha adolescência, conquistada pelos livros de romance da Paula Pimenta e uma grande quantidade de *fanfics*¹ originais, embarcamos nessa jornada para organizar nossa primeira leitura coletiva. Após estruturarmos o grupo e pensarmos um pouco como ocorreria o funcionamento, logo divulgamos o início do clube para saber se mais alguém gostaria de participar, compartilhando o *instagram* do clube nos nossos perfis pessoais e mandando link em grupos de amigos no *whatsapp*. Com isso, fomos recebendo pedidos de diversos cursos diferentes, pessoas conhecidas e desconhecidas e, coincidentemente ou não, a maioria eram mulheres.

Buscando a forma mais democrática em um grupo composto por pessoas de diversos gostos, decidimos fazer formulários todo mês, onde cada participante recomendava um livro e seguia com uma votação, o que acabou fazendo com que muitas das vezes caísse o mesmo estilo de livros: romance, distopia e fantasia, nos quais é comum ter romance como *sub-plot*² da história. Para contornar a situação, a cada mês tentamos escolher um gênero ou um tema geral, limitando as recomendações para um nicho específico.

O Clube do Livro UFF durou quase um ano, com o total de 10 livros lidos ao decorrer do ano, e contabilizamos apenas 4 livros que não possuíam nenhum *sub-plot* de romance. Acho importante considerar também que dois dos livros que não possuíam um casal foram no mês de outubro e dezembro, com os livros de *Halloween*, “O médico e o monstro”, de Robert Louis Stevenson, e de natal, “Um conto de natal”, de Charles Dickens, que são clássicos com temas muito bem centrados nessas celebrações. Mesmo limitando as recomendações, cerca de 60% das leituras realizadas continham algum elemento romântico na trama, o que reflete o interesse coletivo do grupo, composto exclusivamente por mulheres.

¹ Fanfics são histórias ficcionais escritas por fãs do universo, personagens ou narrativa já existente na mídia

² *Sub-plot* é uma narrativa secundária que ocorre paralelamente à história principal.

Por sermos um grupo composto por 100% de mulheres e claramente com grande parte interessada nessa leitura sentimental, comecei a me perguntar de onde vinha esse desejo e identificação com o gênero. Com leitura sentimental, me refiro ao que Giovana Carlos define como algo que: “Não se refere ao ‘romance’ no sentido do formato (como as novelas ou contos, por exemplo), mas a um gênero literário cujo protagonismo feminino é muito forte e é focado em histórias de amor” (Carlos, 2019, p. 1). Essa definição destaca como o gênero romance não apenas envolve narrativas de amor, mas também coloca a mulher no centro das histórias, oferecendo um espaço para explorar emoções, desejos e relações interpessoais.

Mas eu entendo que o desejo pelo romance não se limita apenas aos livros que se concentram exclusivamente nessa narrativa de “mocinha conhece mocinho e eles se apaixonam”, com clichês e momentos específicos que definem o estereótipo do gênero.

De acordo com Bakhtin o romance é um gênero literário que, no seu interior, incorpora vozes e discursos que estão presentes no campo social, o que, segundo o autor, dá-lhe uma posição particular, fazendo desse gênero uma literatura distinta das demais, pois incorpora todos os outros gêneros literários, mescla-os, altera-os e os ajusta em seu interior (Oliveira, Paulo, 2019, p.3)

Essa característica multifacetada do romance se reflete no consumo de outros livros, cuja história principal, mesmo que não seja centrada em um romance, é comum encontrar um enredo amoroso envolvendo o/a protagonista. Um dos maiores exemplos é *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins³, que possui uma complexa história política e crítica social, porém, também conta com uma grande história de amor por trás.

É a partir disso que é interessante refletir sobre por que as mulheres, que já leem com mais frequência do que os homens. De acordo com a 6ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Loureiro, 2024), 50,4% dos leitores são mulheres, enquanto os homens correspondem a 42,9%⁴. Buscam uma leitura romântica escrita por mulheres e centrada no universo feminino, talvez por serem consideradas leves e fáceis de ler. No artigo “O (não) lugar das mulheres na

³ *Jogos Vorazes* é uma série de livros escrita por Suzanne Collins, composta por três volumes: *Jogos Vorazes*, *Em Chamas* e *A Esperança*. A história se passa em um futuro distópico chamado Panem, onde jovens são forçados a participar de um reality show mortal chamado Jogos Vorazes. A protagonista, Katniss Everdeen, enfrenta desafios tentando sobreviver enquanto desenvolve laços de romance em meio a uma sociedade marcada pela opressão.

⁴ A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* é um levantamento realizado periodicamente para mapear os hábitos de leitura da população brasileira, incluindo frequência, gêneros preferidos e características sociodemográficas dos leitores.

literatura: uma história de apagamento, consumo e resistência” (2024), de Ana Cláudia Oliveira⁵, a autora comenta exatamente esse movimento de buscar ler algo de fácil leitura e termina lendo 6 romances até perceber essa coincidência:

Então decidi começar por livros curtos, de fácil leitura e já recomendados por pessoas que eu sabia que tinham o gosto parecido com o meu para arte em geral. E acabou que essas pessoas eram quase todas mulheres – amigas, influenciadoras, *podcasters*. E os livros recomendados por elas eram quase todos escritos por mulheres também. Mas só fui me dar conta dessa “coincidência” quando já estava lá pelo sexto romance lido no ano. (Oliveira, 2024)

Ou, talvez, com o objetivo de pensar menos, se distrair ou simplesmente fugir da sua própria realidade. Esse comportamento é alinhado com a observação de Laroche, entrevistada por Roach, no livro *Happily Ever After*⁶:

Eu realmente acredito que mais mulheres do que homens gostam de ler romance porque os riscos para elas são maiores. Muitas delas aproveitam desse espaço seguro para trabalhar esses problemas do desejo feminino. Esse é um dos motivos que o final onde tudo dá certo é tão prazeroso. Trata de uma fantasia de alívio. (Roach, 2016, p. 70 tradução nossa).

A citação reforça a ideia de que os romances oferecem às mulheres um espaço seguro para refletir sobre questões relacionadas ao desejo feminino, proporcionando conforto e uma sensação de alívio ao final feliz característico do gênero.

Embora a leitura seja muito provavelmente influenciada pelos responsáveis ou pelo círculo social, fazendo parte do *habitus*, como Bourdieu (1983) define, ou seja, um conjunto de disposições incorporadas que refletem as práticas e preferências culturais moldadas pelo contexto social em que estamos inseridos (Bourdieu, 1983), é possível que a atração por esse tipo de narrativa tenha raízes mais profundas na história e nas experiências femininas. Apesar disso, embora homens também possam e devam aproveitar histórias

⁵ O artigo "O Não Lugar das Mulheres na Literatura: Uma História de Apagamento, Consumo e Resistência", escrito por Ana Cláudia Oliveira e publicado na Revista Philos, explora os papéis das mulheres na literatura. A autora aborda a exclusão histórica das mulheres como escritoras, o impacto de seus textos no mercado editorial e como elas utilizam a literatura como forma de resistência. O artigo destaca também como o consumo literário feminino tem sido subestimado e, muitas vezes, relegado a categorias menos valorizadas culturalmente, como os romances sentimentais, apesar de sua relevância na formação do mercado leitor.

⁶ *Happily Ever After: The Romance Story in Popular Culture*, escrito por Catherine M. Roach, explora o impacto cultural e social das narrativas românticas, analisando o apelo persistente desse gênero entre leitores, especialmente mulheres. No livro, Roach entrevista Catherine LaRoche, escritora de romances. Essa entrevista reflete sobre a experiência de escrever e consumir histórias de amor, que também lidam com desejos, fantasias e questões relacionadas ao papel das mulheres na sociedade.

de amor, como bell hooks observa, “a fantasia masculina é vista como algo capaz de criar realidade, enquanto a fantasia feminina é tratada como puro escapismo” (hooks, 1999, p. 27). Essa ideia reforça como o consumo de romances ainda é majoritariamente feminino, sendo frequentemente subestimado em seu valor e impacto cultural.

Sendo assim, ao longo desta pesquisa, discutiremos a relação que o gênero feminino possui com a literatura voltada para o processo de se apaixonar. Abordaremos temas como o hábito da leitura, as formas de consumo desse gênero e os primeiros contatos. Buscaremos entender por que o romance é frequentemente utilizado como um meio de escapismo, permitindo às leitoras fugir temporariamente da realidade cotidiana.

Uma pesquisa de dados foi realizada a partir de um google forms, divulgado em grupos no whatsapp de cursos da UFF, além de no Instagram e enviado para amigas e conhecidas que possuem o *hobby* de leitura. Chegando em meninas jovens de 18-25 anos, classe média e majoritariamente universitárias.

A pesquisa possuía 30 perguntas para mulheres e 6 para homens, sendo a primeira seguindo uma linha do tempo desde o começo do hábito e sua formação, como a leitura ocorre hoje em dia e opiniões pessoais sobre romance.

Para embasar teoricamente essa investigação, recorreremos ao conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (1983), que propõe que as preferências culturais e práticas sociais, incluindo o gosto pela leitura, são moldadas pelo círculo social em que os indivíduos estão inseridos. Avaliaremos, portanto, até que ponto as pessoas ao redor influenciam o gosto pessoal pelo gênero romance.

Além disso, utilizaremos a pesquisa *Reading the Romance* (Radway, 1984), que explora como as mulheres consomem romances e revela que essas histórias oferecem não apenas entretenimento, mas também um espaço para reflexão sobre os papéis femininos na sociedade e nos relacionamentos interpessoais. Também incorporaremos as ideias de Catherine M. Roach no livro *Happily Ever After*, no qual, por meio da entrevista com Catherine LaRoche, é discutido como o romance fornece um espaço seguro para explorar questões de desejo e identidade feminina, enquanto proporciona uma fantasia de alívio emocional.

Com essa base teórica, esperamos explorar as nuances do consumo de romances pelo público feminino universitário dos cursos de Produção Cultural, Biblioteconomia e Estudos de Mídia entre 18 e 25 anos, destacando tanto os fatores

culturais e históricos que sustentam esse fenômeno quanto o impacto subjetivo que ele exerce nas leitoras.

Este estudo se organiza em 3 capítulos. Após a introdução, o capítulo 1 apresenta a trajetória histórica da literatura romântica desde o começo do gênero até a explicação do que é o romance que estamos tratando e qual contexto feminino relacionado a esses escritos. O capítulo 2 nos aprofundamos na história da mulher, como iniciou o estudo e o hábito de leitura na vida e utilizando dos dados da pesquisa feita para entender as diferentes formas de ler e viver esse *hobby*. No capítulo 3 finalizamos com a ideia do lazer e como isso afeta a relação da mulher com o romance e com a leitura trazendo uma análise dos dados da pesquisa feita com mulheres estudantes da Universidade Federal Fluminense.

1.A CONSTRUÇÃO DO ROMANCE: HISTÓRIA GÊNERO E LEITURA FEMININA

O objetivo deste capítulo é apresentar um panorama sobre o romance enquanto gênero literário, discutindo suas origens, transformações e relevância cultural. É fundamental abordar esse tema porque o romance, mais do que um simples tipo de narrativa, reflete e influencia a forma como as sociedades compreendem o amor, as relações e, especialmente, o papel da mulher na literatura e na vida social. Ao analisar a trajetória do romance, conseguimos entender como ele se conecta diretamente com a experiência feminina e como essa conexão se manifesta nas escolhas de leitura das mulheres hoje.

A literatura, em sua essência, não possui um marco inicial único: diferentes culturas e sociedades desenvolveram narrativas de amor e relações de maneiras variadas, muitas vezes sem contato entre si. Existem hierarquias e disputas sobre o que seria o “começo” da literatura romântica, mas, na verdade, cada povo construiu sua própria linguagem e tradição nesse campo. Por isso, não é possível definir um ponto de partida absoluto para o romance; o que existe é uma multiplicidade de caminhos e influências.

Meu trabalho parte da história humana e da busca por compreender como nos relacionamos com o amor e as emoções. Desde quando os seres humanos amam? De onde vem esse sentimento? Essas são perguntas que talvez não tenham respostas definitivas e certamente não cabem apenas em um curso de produção cultural. No entanto, podemos questionar o que nos leva a buscar histórias de amor, especialmente no contexto da leitura.

A pesquisa que desenvolvi busca entender como, quando e por que nós, mulheres, nos apaixonamos por leituras românticas, levando em consideração a trajetória histórica da mulher no mundo. Antes de analisar os dados empíricos, é necessário compreender de onde veio essa literatura, como ela começou e se desenvolveu ao longo do tempo, e de que maneira foi sendo influenciada na vida das mulheres.

Este capítulo, portanto, faz a ponte entre sentimento, história e gênero: o amor, presente desde sempre na humanidade, se manifesta na arte de diversas formas: música, teatro, pintura e, quando chega à escrita, ganha contornos próprios. Por que, ao longo dos séculos, o romance foi sendo associado ao universo feminino, se o amor é um sentimento universal? Por que as mulheres são as principais leitoras e produtoras desse gênero hoje? E como o romance, enquanto gênero literário, foi se moldando até se tornar esse fenômeno de vendas, debates e comunidades que vemos atualmente?

Ao refletir sobre essas questões, este capítulo fundamenta teoricamente a pesquisa empírica, mostrando como a história do romance e da leitura feminina se entrelaçam e ajudam a explicar os dados coletados sobre o hábito de leitura de romances por mulheres.

1.1 Trajetória histórica do gênero do romance

Não se sabe ao certo qual foi o primeiro livro a abordar o tema do amor romântico, mas já existem registros desde o século II de histórias em prosa que tratam da experiência amorosa e dos desafios enfrentados pelos amantes. Obras como *Dáfnis e Cloé*, *As Etiópicas*, *As Aventuras de Leucipe e Clitofonte* e o *Conto Efésio de Ântia e Habrocomes*, surgidas no período romano tardio, foram altamente influentes e narram a trajetória de casais que enfrentam diversos obstáculos para ficarem juntos, muitas vezes chegando a extremos como o suicídio, mas com finais felizes. Isso mostra que o amor é uma presença antiga e constante na história da humanidade, aparecendo tanto na religião quanto na filosofia. Platão, por exemplo, já dizia em seu texto “Fedro”, escrito por volta de 428 a.C., que o amor é “dos deuses o mais antigo”. Essa persistência do tema revela uma característica essencial do amor: sua complexidade e dificuldade de ser plenamente compreendido.

O romance como gênero literário tem raízes muito antigas, com exemplos que remontam à Antiguidade. Obras como *Quéreas e Calíroe* (século I d.C.), atribuída a Cáriton de Afrodísias, são consideradas entre os primeiros romances ocidentais, narrando histórias de amor e aventura que já refletiam as tensões sociais e culturais de seu tempo, especialmente em sociedades patriarcais onde as vozes femininas eram limitadas. No entanto, o reconhecimento do romance como gênero literário estruturado só se consolidou a partir do século XVII, com o prefácio do bispo francês

Pierre-Daniel Huet em 1670, que se acredita tenha sido de fato escrito por uma mulher, Madame de La Fayette (1634-1693). Nesse prefácio, o romance é definido como “ficções de aventuras amorosas, escritas em prosa, com arte, para o prazer e a instrução dos leitores” (CIÊNCIA HOJE, 2020).⁷

No Ocidente, Miguel de Cervantes é frequentemente apontado como o primeiro grande romancista moderno. Com a publicação de Dom Quixote de la Mancha em 1605, obra que consolidou a narrativa longa em prosa e estabeleceu muitos dos elementos que definem o romance até hoje. Apesar da predominância masculina na autoria dos primeiros romances, é importante destacar que mulheres também foram pioneiras no gênero, embora por muito tempo tenham sido invisibilizadas ou tenham escrito sob pseudônimos masculinos devido às restrições sociais que lhes negavam o acesso à educação e à publicação (Ezell, 1993). Autoras como Madame de La Fayette, que provavelmente escreveu Zaíde, uma história espanhola (1670), e Charlotte Turner Smith, com seu romance histórico Desmond (1792), foram fundamentais para o desenvolvimento do romance, especialmente ao trazer perspectivas femininas e críticas sociais para o gênero.

No Oriente, um marco fundamental na história do romance literário é O Conto de Genji (Genji Monogatari), obra-prima da literatura japonesa escrita no início do século XI pela dama da corte Murasaki Shikibu⁸. Considerado por muitos estudiosos como o primeiro romance do mundo, o Genji apresenta características que antecipam o romance moderno, como uma narrativa longa em prosa, desenvolvimento psicológico profundo dos personagens e uma trama que acompanha a vida do protagonista Hikaru Genji ao longo do tempo, incluindo suas relações amorosas e intrigas políticas na aristocracia do período Heian. Além de sua importância literária, O Conto de Genji destaca-se por ter sido escrito por uma mulher em uma época em que a autoria feminina era limitada, especialmente no Ocidente, onde o gênero romance só se consolidou séculos depois.

Assim, Genji Monogatari não só inaugura a tradição do romance como gênero literário, mas também evidencia a relevância da voz feminina na construção dessa

⁷CIÊNCIA HOJE. O romance: uma longa história. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/acervo/o-romance-uma-longa-historia/>. Acesso em: 6 jun. 2025.

⁸ THE TALE OF GENJI. Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/The-Tale-of-Genji>. Acesso em: 2 jul. 2025.

forma narrativa, desafiando a ideia de que o romance seria um gênero exclusivamente masculino até o período moderno.

Ao longo da história, o romance tem sido amplamente utilizado não apenas como um gênero literário, mas também como um recurso poderoso em diferentes âmbitos da vida social, cultural e comercial. Um exemplo emblemático dessa utilização é a famosa fotografia intitulada “V-J Day in Times Square”, tirada por Alfred Eisenstaedt em 1945, que retrata um marinheiro militar beijando uma enfermeira no meio da rua, em plena Times Square, Nova York.

Essa imagem icônica simboliza o fim da Segunda Guerra Mundial e se tornou um símbolo universal do amor, da esperança e da celebração da vida após um período de grande sofrimento e incertezas. Essa emoção romântica, capturada de forma tão vívida, foi amplamente explorada ao longo dos anos em campanhas publicitárias, filmes, músicas e outras formas de comunicação, porque o romance tem a capacidade única de criar conexões profundas com o público. Ao evocar sentimentos de amor, paixão, reencontro e esperança, o romance funciona como uma linguagem universal que toca o emocional das pessoas, facilitando a identificação e o engajamento.

Figura 1: Beijo considerado romântico no meio da Times Square - Nova York



Fonte: Forbes⁹

⁹ FORBES. Foto histórica de beijo no fim da Segunda Guerra levanta debate sobre consentimento. Forbes Brasil, 13 mar. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2024/03/foto-historica-de-beijo-no-fim-da-segunda-guerra-levanta-debate-sobre-consentimento/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

Portanto, a famosa foto do beijo em Times Square é um exemplo emblemático de como o romance transcende as fronteiras da literatura para se tornar um símbolo poderoso na cultura visual e emocional da sociedade, capaz de comunicar mensagens complexas e tocar o coração das pessoas, seja em momentos históricos, na arte ou na publicidade. O romance não é apenas uma forma literária, mas um fenômeno cultural que atravessa séculos, refletindo e influenciando as relações sociais, os valores e as emoções humanas. Sua capacidade de evocar sentimentos profundos e de criar conexões emocionais é explorada não só na literatura, mas também na publicidade, no cinema e nas artes visuais, como exemplifica a famosa foto do beijo em Times Square.

Essa imagem, ao capturar um momento de amor e celebração, demonstra como o romance é uma linguagem universal que ressoa no imaginário coletivo. É usado para comunicar esperança, emoção e humanidade em contextos variados. Assim, compreender a história do romance e sua evolução é fundamental para entender não apenas a literatura, mas também as formas como o amor e as emoções são representados e valorizados culturalmente, desde os primeiros relatos antigos até as manifestações contemporâneas em múltiplas mídias.

No Brasil, por volta das décadas de 1940 e 1960, o mercado editorial brasileiro começou a perceber o potencial dos romances sentimentais traduzidos, especialmente voltados para o público feminino. A Companhia Editora Nacional foi pioneira ao lançar a coleção Biblioteca das Moças, trazendo para o Brasil traduções de romances estrangeiros que rapidamente conquistaram leitores e abriram caminho para o chamado “romance de banca”¹⁰. Esses livros, vendidos em bancas de jornal, eram acessíveis, com papel mais fino, formato compacto e preço baixo, o que facilitava sua popularização entre as classes médias e populares.

O segmento se consolidou nos anos 1970, quando a Editora Nova Cultural, em parceria com a canadense Harlequin, trouxe para o Brasil séries que se tornaram icônicas: Sabrina (lançada em 1978), Julia (1979) e Bianca (1980). Cada uma dessas séries tinha características próprias: Sabrina era voltada para histórias dramáticas, com muitos conflitos amorosos e finais felizes, semelhante a novelas mexicanas, e foi a pioneira do formato no Brasil. Julia apostava em enredos mais

¹⁰ LIVROS & FUXICOS. História dos romances de banca. 2021. Disponível em: <https://www.livrosefuxicos.com/2021/06/historia-dos-romances-de-banca.html>. Acesso em: 01 jul. 2025

ousados e sensuais, com protagonistas femininas maduras e decididas, abordando romances proibidos e situações mais picantes, mas ainda dentro de um padrão recatado. Bianca focava em romances clássicos e poéticos, com cenários históricos e personagens sonhadoras, sendo considerada a série mais “recatada” das três.¹¹

Essas séries eram lançadas mensalmente, cada uma com dezenas de títulos ao longo dos anos, criando um verdadeiro fenômeno de colecionismo e fidelidade entre as leitoras. Os romances de banca, apesar de enfrentarem preconceito por suas capas sugestivas e histórias consideradas “água com açúcar” ou “literatura de mulherzinha”, foram responsáveis por democratizar o acesso à leitura e revelar grandes autoras do gênero, como Nora Roberts, que começou publicando nesse formato e hoje é uma das escritoras mais vendidas do mundo e segue viva e ativa no mercado editorial (ibid 2021).

Com o tempo, o sucesso desses livros ultrapassou as bancas de jornal e chegou às livrarias, consolidando o romance popular como um dos gêneros mais lidos no Brasil. Atualmente, muitos desses títulos continuam sendo publicados e lidos, mostrando a força e a longevidade do romance de banca na cultura literária brasileira.

Além das livrarias, o universo do audiovisual sempre buscou inspiração na literatura, e essa relação é mais antiga do que muitos imaginam. O primeiro registro de uma cena literária adaptada para o cinema é de 1896, com "Trilby e o Pequeno Billee", baseado no livro do francês Gerald du Maurier.¹² O curta, com apenas 22 segundos, foi produzido apenas oito anos após o surgimento do primeiro filme do mundo, mostrando como a literatura rapidamente se tornou fonte para o novo meio de expressão artística.

Desde então, adaptações literárias se tornaram parte fundamental do cinema, especialmente no gênero romance. Entre os filmes de romance de maior bilheteria da história, quatro são adaptações de livros. Dois deles são clássicos antigos revisitados pela Disney: "A Bela e a Fera", cuja versão live-action de 2017 arrecadou impressionantes US\$1,26 bilhão, e "Aladdin", que também tem origem em histórias

¹¹ JORNAL NOTA. Qual a história por trás da série de livros Júlia, Sabrina, Bianca. 2021. Disponível em:

<https://jornalnota.com.br/2021/12/15/qual-a-historia-por-tras-da-serie-de-livros-julia-sabrina-bianca>.

Acesso em: 08 jul. 2025

¹²SUPERINTERESSANTE. Qual foi o primeiro livro a ser adaptado para o cinema?

Superinteressante, 11 abr. 2011. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-o-primeiro-livro-a-ser-adaptado-para-o-cinema>.

Acesso em: 10 jun. 2025.

tradicionais e foi reinventado para as novas gerações. Os outros dois filmes que se destacam são "A Saga Crepúsculo: Amanhecer – Parte 1" e "Amanhecer – Parte 2", adaptações do último livro da famosa série "Crepúsculo", escrita por Stephenie Meyer em 2005 e levada às telonas a partir de 2008. O sucesso foi tanto que "Amanhecer – Parte 1" alcançou US\$ 712 milhões em bilheteria mundial, figurando entre os romances mais lucrativos do cinema contemporâneo.¹³

O impacto de "Crepúsculo" vai além das bilheteiras: a saga reacendeu o interesse do público por histórias de vampiros e abriu espaço para novas obras e adaptações, além de impulsionar o mercado das *fanfics*. Muitos fãs passaram a criar suas próprias narrativas a partir do universo original, o que acabou gerando novas obras literárias e, posteriormente, outras adaptações para o cinema, como é o caso de "Cinquenta Tons de Cinza", que acumulou mais de 1,5 bilhão de dólares e nasceu como uma *fanfic* ¹⁴que virou livro e, depois, filme. Esse fenômeno mostra como a relação entre literatura, audiovisual e público feminino é dinâmica e poderosa, permitindo que mulheres se vejam e se expressem em diferentes mídias, construindo coletivamente novos espaços de lazer e identificação.

Assim, a literatura e o cinema não apenas refletem, mas também ajudam a moldar o lazer feminino, oferecendo referências, inspirações e oportunidades de pertencimento a grupos que compartilham paixões, narrativas e sonhos.

E esse sentimento de pertencimento ao grupo, tão presente nas rodas de leitura e nos clubes do livro, ganhou uma nova dimensão com a ascensão do *TikTok*, um aplicativo de vídeos curtos, que no começo era somente de 30 segundos há 1 minuto. Em 2020, enquanto o mundo enfrentava o isolamento imposto pela pandemia, o antigo *Musical.ly*¹⁵ se transformava no *TikTok* e rapidamente se tornava uma das principais formas de entretenimento e interação social para milhões de pessoas presas em casa, buscando maneiras de passar o tempo e se conectar.

O *TikTok* explodiu em popularidade, e, com ele, surgiram *hashtags* para cada nicho possível, criando verdadeiras comunidades digitais. Um dos nichos que mais cresceu foi o *#BookTok*, uma junção de “book” (livro, em inglês) e “TikTok”, que se

¹³PLANETA DIÁRIO BR. 5 filmes de romance de maior bilheteria de todos os tempos. Disponível em: <https://planetadiariobr.com.br/5-filmes-de-romance-de-maior-bilheteria-de-todos-os-tempos/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

¹⁴ *Fanfic* ou *fanfiction* é uma história fictícia escrita por fãs sobre personagens, cenários retirados de obras já existentes (livros, filmes, séries)

¹⁵ O primeiro nome do aplicativo *Tiktok*, possuía uma ideia diferente de uso, voltado para dublagem de músicas.

transformou em um espaço de rápida recomendação e disseminação de livros, especialmente de romances internacionalmente. O fenômeno foi tão forte que livrarias passaram a criar seções inteiras dedicadas aos “livros do *TikTok*”, reconhecendo o poder de influência da plataforma. O *BookTok* não apenas acelerou o consumo de conteúdo literário, mas também facilitou a criação de laços entre pessoas que, em um momento tão instável, precisavam de um espaço para compartilhar paixões e experiências.

Esse movimento não ficou restrito ao *TikTok*: hashtags como *#BookTwitter* e *#BookTube*, já presentes em outras redes, ganharam ainda mais força, mas foi no *TikTok* que a velocidade e o alcance das recomendações atingiram outro patamar. Mesmo sem dados conclusivos que comprovem um aumento significativo no número de leitores ou na venda de romances, o impacto cultural é inegável. Novas autoras de romance viralizaram praticamente da noite para o dia, escritoras que estavam há anos no mercado voltaram aos holofotes, e ficou claro que o gênero romance domina a preferência do público nessas comunidades.

Um bom exemplo é Christina Lauren, pseudônimo usado pela dupla de autoras Christina Hobbs e Lauren Billings, que já tinham uma carreira consolidada, mas viu seu livro “Imperfeitos” explodir em popularidade graças ao *BookTok* se tornando um *Instant best seller* do New York Times (sucesso de vendas instantâneo) que significa que ele rapidamente vendeu um número de livros chegando na lista de Melhor vendido. Por outro lado, Ali Hazelwood, que publicou seu primeiro romance em 2021, se tornou um fenômeno: hoje já são oito livros publicados, quatro novelas e um audiobook, mais de 800 mil livros vendidos no Brasil de acordo com a Editora Arqueiro¹⁶ todos impulsionados pelo engajamento massivo nas redes sociais. Isso mostra não só o poder de transformação do *TikTok* na vida de autoras e leitores, mas também o quanto o público feminino jovem se identifica, se engaja e constrói coletivamente novas formas de lazer e pertencimento a partir do consumo e da discussão de romances.¹⁷

¹⁶ EDITORA ARQUEIRO. Ali Hazelwood: autora sensação do TikTok com mais de 800 mil livros vendidos no Brasil. Disponível em: <https://www.editoraarqueiro.com.br/livros/amor-teoricamente-edicao-especial/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

¹⁷ Esses dois exemplos são livros considerados YA, ou seja *Young Adult*, livros para a faixa etária de jovens adultos.

Assim, o *BookTok* que possui mais de 37 milhões de vídeos compartilhados e mais de 235 bilhões de visualizações em todo o mundo no ano de 2024¹⁸ não é apenas uma tendência passageira, mas um reflexo de como as mulheres continuam buscando e criando espaços de lazer, identificação e empoderamento, agora potencializados pelas novas tecnologias e pela força das comunidades digitais.

1.2. Explicação do gênero: o que é o romance

Quando falamos em “romance”, duas concepções costumam surgir. De um lado, temos o romance clássico, entendido como um gênero literário que surgiu como contraponto ao classicismo, trazendo ideias mais sentimentais, naturalistas e até experimentais. De outro, o romance focado no amor, que narra a trajetória de um casal romântico, com suas dificuldades, encontros e desencontros. Ambas as formas coexistem, mas aqui o que nos interessa especialmente é o romance enquanto narrativa amorosa, aquela que gira em torno do sentimento romântico entre duas pessoas. Partindo da ideia de Carlos (2019, p.1) “Não se refere ao “romance” no sentido do formato (como as novelas ou contos, por exemplo), mas a um gênero literário cujo protagonismo feminino é muito forte e é focado em histórias de amor.”

Antes de aprofundar, vale destacar a origem do termo “romance”. Originalmente, ele se referia a narrativas escritas em línguas românicas, como o francês, o italiano e o português, diferenciando-se dos textos em latim, que eram mais formais e restritos a círculos eruditos.¹⁹ Com o tempo, o termo passou a designar narrativas longas em prosa, não necessariamente focadas no amor, mas que exploram histórias complexas e personagens desenvolvidos.

Segundo a definição da “*Romance Writers of America*”²⁰, o romance é composto por dois elementos básicos: uma história de amor central e um final

¹⁸ INTER. BookTok: a revolução literária do TikTok. Disponível em: <https://blog.inter.co/booktok-a-revolucao-literaria-do-tiktok/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20BookTok,experi%C3%Aancias%20e%20descobrir%20novos%20t%C3%ADtulos>. Acesso em: 2 jul. 2025.

¹⁹ DIÁRIO DE UM LINGUISTA. De Roma ao romance. 4 jun. 2019. Disponível em: <https://diariodeumlinguista.wordpress.com/2019/06/04/de-roma-ao-romance/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

²⁰ É uma associação comercial sem fins lucrativos cuja missão é promover os interesses profissionais e comerciais comuns de escritores de romance focados na carreira, por meio de networking e advocacy, além de aumentar a conscientização pública sobre o gênero romance. ROMANCE WRITERS OF AMERICA. *Romance Writers of America*. Disponível em: <https://www.rwa.org/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

emocionalmente satisfatório e otimista. Ou seja, não estamos falando de qualquer livro que contenha amor, mas daqueles que têm o amor como principal da narrativa e que, independentemente dos conflitos, perdas ou obstáculos enfrentados, prometem um desfecho positivo. São histórias que entregam alívio, esperança e conforto, especialmente depois de um dia difícil. São livros que buscam/tem como objetivo/almejam abraçar o leitor

É importante também diferenciar o romance de outros formatos narrativos, como a novela. Embora no português coloquial os termos sejam usados de forma próxima, no estudo literário o romance costuma ser mais longo, com tramas mais complexas e desenvolvimento aprofundado dos personagens, enquanto a novela é mais curta e direta. Essa distinção ajuda a compreender a riqueza e a diversidade do gênero romance. Além do romance amoroso, o gênero é muito amplo e abrange diversos subgêneros, como o romance histórico, policial, psicológico, de aventura, entre outros. Essa variedade mostra que o romance está sempre em transformação, dialogando com diferentes temas e públicos.

Para entender melhor o que está por trás desse sentimento tão complexo que é o amor, vale trazer a reflexão da escritora bell hooks, que em seu livro “Tudo sobre o amor” questiona as definições simplistas que encontramos em dicionários, que geralmente reduzem o amor a “afeição profundamente terna e apaixonada por outra pessoa, especialmente quando há atração sexual”. Para hooks (2000), essa definição é insuficiente e redutora. Ela aponta que poucos livros se arriscam a definir o amor com clareza, e que o usamos de forma tão ampla e desleixada que a palavra pode significar quase nada ou tudo ao mesmo tempo. Sua conclusão é forte: “não existem escolas para o amor” (p. 30). Talvez, então, os romances funcionem como essas escolas espaços onde aprendemos, mesmo que de forma ficcional, a amar e ser amadas, tentando entender um sentimento cheio de nuances, traumas e possibilidades. Muitas vezes, como hooks (2000) também destaca, buscamos no amor romântico aquilo que nos falta em outros tipos de amor, especialmente o familiar.

O romance, além de ser uma narrativa em prosa e escrita em língua moderna, ou seja, não em latim, como era comum na Idade Média, facilitou sua popularização e o acesso de um público mais amplo. Segundo teóricos como Bakhtin (1984) e Kristeva (1980), o romance é um gênero mutante, que se reinventa e experimenta novas formas narrativas, dialogando com o tempo e com os leitores.

Historicamente, o romance foi fundamental para a formação do público leitor urbano e burguês, especialmente a partir do século XIX, quando os folhetins publicações seriadas em jornais se tornaram populares. Acompanhá-los era como assistir a uma novela hoje: um hábito social que ultrapassa as barreiras da alfabetização, pois as histórias eram compartilhadas oralmente e criavam laços entre comunidades.

Segundo a autora, o gênero foi popularizado pelos folhetins e o que chama de “bibliotecas rosas” para moças, além das bancas de jornais e seus “romancinhos” para um público feminino. Para Perrone-Moisés (2016, p. 178), “de ‘rosa’, essas publicações se tornaram ‘sexy’, e constituem um fenômeno sociológico e não mais literário, no sentido da grande literatura”. O próprio linguajar da pesquisadora da Letras, já reforça a visão negativa dos Romances e parte da literatura voltada para mulheres. (Carlos, 2019, p 57)

Mais do que mero entretenimento, o romance funciona como um espaço social e cultural para refletir questões importantes, como desigualdade, gênero, raça e classe. Muitos romances criticam e questionam normas vigentes, tornando-se ferramentas de reflexão e transformação social. Além disso, o romance contribui para a construção da identidade individual e coletiva, oferecendo modelos de comportamento, valores e emoções. Para grupos marginalizados, como as mulheres, o romance foi um espaço importante.

Além disso, acredito que o romance é um gênero mimético, ou seja, que mais imita a vida cotidiana e as emoções humanas como Foster diz: “O romance está encharcado de humanidade” (Foster, 1998, p.25 apud. Azevedo, 2013). Também é um espaço de experimentação narrativa. Exemplos como “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis (1981), mostram narradores inusitados e estruturas inovadoras, que desafiam o leitor a refletir sobre a própria forma de contar histórias.

Por fim, o romance tem sido historicamente um espaço de resistência e transformação, desafiando convenções sociais e propondo novas formas de pensar o amor, a família e a sociedade. É muito mais que uma simples história de amor. É um gênero literário que atravessa séculos, culturas e formas narrativas, sempre dialogando com as emoções humanas, as transformações sociais e as expectativas do público. É um espaço onde o amor é explorado em suas múltiplas facetas, e onde leitores e leitoras encontram conforto, esperança e identificação.

1.3 Contexto feminino com o gênero: formação e relação da mulher com o romance

No Brasil, a leitura feminina foi historicamente associada à emoção, sensibilidade e irracionalidade. Lia-se, mas apenas o que era considerado apropriado para o “sexo frágil”(Dumont, 2007). Nesse contexto, o romance tornou-se o gênero literário permitido para as mulheres, ao mesmo tempo em que funcionava como instrumento de domesticação e controle social. O romance impunha o amor como componente essencial da identidade feminina, mas também carregava um risco: lia-se com intensidade, em silêncio, mergulhando nos próprios sentimentos, o que, segundo as autoridades da época, poderia excitar paixões mundanas, desviar a mulher da realidade e atrapalhar sua futura função maternal:

Mas, mesmo se tratando de amor, era preciso ter cuidado. A leitura, principalmente a silenciosa, ao remeter a mulher a si mesma, a seus próprios pensamentos e emoções, podia exaltar a imaginação e excitar as paixões mundanas provocando sua desrealização, fazendo-a a preferir o mundo da fantasia ao real. (Dumont, 2007 p.31)

Havia um medo generalizado de que o entusiasmo pelos estudos afetasse o desenvolvimento dos órgãos reprodutores e comprometesse a formação da “mulher perfeita” (ibidem, 2007). A instrução em excesso era considerada perigosa, pois acreditava-se que o estímulo intelectual desviaria a mulher de sua função maternal e afetaria sua natureza sensível e delicada Rohden (2004). Essa visão reducionista limitava o acesso feminino ao conhecimento e reforçava a ideia de que o espaço da mulher deveria ser restrito ao lar.

Apesar disso, ou talvez justamente por isso, o romance se consolidou como um espaço onde as mulheres podiam viver experiências proibidas, sonhar com finais felizes e imaginar versões possíveis do amor. O gênero oferecia uma válvula de escape e um universo de possibilidades emocionais que a realidade lhes negava. Hoje, olhar para o sucesso do romance é também reconhecer a força que ele representa. O romance, que antes era o único gênero permitido para mulheres leitoras, transformou-se em escolha, em instrumento de expressão e em forma de empoderamento. 91% das leitoras que responderam a minha pesquisa responderam que leem sim romance em algum momento.

É significativo que, mesmo com tantas mudanças nas relações de gênero, nós, mulheres, ainda hoje queiramos ler histórias de amor. É como se esse gênero carregasse, ao mesmo tempo, o peso de um passado de repressão e o alívio de poder finalmente ser protagonista da própria história. Ainda assim, o romance

continua a ser alvo de preconceito. A leitura literária feminina ainda é vista como inferior, fútil e previsível. A imagem da leitora histérica, exagerada e sonhadora persiste, reforçando estereótipos que desvalorizam as escolhas culturais femininas

Esse julgamento aparece até nas experiências cotidianas. Por exemplo, em uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2022, 68% dos homens entrevistados afirmaram que consideram os romances previsíveis e pouco desafiadores, enquanto 74% das mulheres responderam que justamente essa previsibilidade é um fator de conforto e segurança na leitura. Para elas, o final feliz funciona como uma promessa de paz, recompensa e alívio em um mundo que nem sempre oferece isso na vida real (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2022). Na pesquisa realizada os homens que responderam porque não leem romance justificaram por falta de interesse e por achar o final previsível.

No Brasil, as mulheres só começaram a ter acesso significativo à educação a partir do século XIX. Antes disso, suas vidas estavam restritas ao ambiente doméstico ou, em alguns casos, aos conventos. A primeira legislação que autorizou a criação de escolas públicas femininas no Brasil foi a Lei nº 3.898, de 15 de outubro de 1827 (BRASIL, 1827), garantindo apenas os estudos elementares. Até então, escrever, pensar e ter acesso ao conhecimento eram privilégios masculinos. A leitura e a escrita sempre estiveram associadas ao poder, e, portanto, foram historicamente usadas como formas de dominação. Mesmo quando passaram a ser permitidas para as mulheres, foram severamente controladas.

Neste capítulo, vimos a origem do gênero literário romance, desde a antiguidade até os dias atuais, e como a forma de escrever sobre o amor foi se modificando ao longo do tempo. Agora sabemos que a definição de romance que estou abordando é a mais associada ao público feminino jovem, aquele que apresenta a trajetória de um casal apaixonado.

No próximo capítulo, irei aprofundar a análise sobre a linha do tempo do corpo feminino e como a história nos ajuda a compreender as experiências que vivemos hoje.

2.HÁBITO E HISTÓRIA

Neste capítulo, vamos explorar a relação histórica da educação feminina, entendendo desde os primeiros momentos em que as mulheres tiveram acesso à leitura e à escrita até os dias de hoje. Abordaremos como o hábito de leitura foi construído em meio a barreiras sociais, religiosas e culturais que limitaram o acesso das mulheres ao conhecimento formal. Também discutiremos a lenta inclusão das mulheres nas escolas brasileiras, as restrições impostas aos conteúdos ensinados e os desafios enfrentados para conquistar a liberdade de ler e aprender. Por fim, analisaremos como estes processos históricos influenciam os hábitos de leitura atuais e sua importância para o desenvolvimento intelectual e emocional das mulheres.

2.1 Hábito de leitura: formação e influência do romance

Como já vimos anteriormente, o hábito de leitura e até mesmo o acesso à educação feminino tem raízes profundas na opressão masculina, que buscava restringir os *hobbies* das mulheres para que não aumentassem seus níveis hormonais nem intelectuais. Um exemplo desse controle é de cunho religioso que determinava que apenas os homens poderiam estudar a Bíblia, limitando o acesso das mulheres ao conhecimento e à reflexão crítica. Em muitas sociedades antigas, a aprendizagem da escrita era proibida para mulheres, por ser vista como inútil ou até perigosa (Chartier, 1990, apud Jizenji, 2023).

Mulheres brancas, negras, indígenas, ricas ou pobres eram, em geral, proibidas de estudar pelos padrões morais e religiosos da época. Quando existia, a educação feminina era restrita ao ambiente doméstico e à catequese, com o acesso à leitura limitado a trechos da Bíblia e a conteúdos relacionados às tarefas do lar." (Safiotti, 2020, p. 70). Para mulheres indígenas, o letramento era proibido por completo pelas autoridades e pela Igreja.

A inclusão das mulheres na escola brasileira só começou por volta de 1814. Como toda mudança social, esse processo foi lento: a adesão feminina à escola

subiu de apenas 8% para 35% entre 1814 e 1889, ou seja, em 75 anos (Muniz, 2002, apud Jizenji, 2023). Inicialmente, o acesso das meninas às escolas públicas era tardio em relação aos meninos, com conteúdos diferenciados e flexibilização da obrigatoriedade de frequência para o público feminino (Muniz, 2003; Gouvêa, 2004 apud Jizenji, 2023). O ensino era voltado para tarefas domésticas e para a preparação para o casamento, como mostra Mônica Yumi Jinzenji ao analisar a leitura e escrita femininas no século XIX.

A primeira legislação que previa a abertura de escolas públicas femininas data de 1827 chamada Lei 15 de Outubro.²¹ Até então, as opções para meninas eram conventos, poucas escolas particulares ou ensino individualizado, todos voltados para o aprendizado de tarefas do lar e valores familiares²². A política de silenciamento era e ainda é intencional: o controle sobre o corpo e a mente das mulheres era uma ferramenta de dominação patriarcal, e a exclusão da educação formal consolidava o poder dos homens na sociedade.

Além de pertencerem a um grupo que não tinha liberdade para a escrita, muitas vezes as mulheres também não podiam escolher suas leituras, já que estas eram frequentemente orientadas por pais, maridos e professores temerosos do desenvolvimento intelectual feminino (Belo, p. 55 2002, apud Moraes; Calsavara; Silva, p. 2, 2023) .

Com a luta feminista, Garcia (2015, p. 7) explica: “o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objetos por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado.”. Aos poucos, as mulheres foram conquistando espaços no mercado editorial, na educação e na liberdade como o direito de ingressar nas faculdades em 1879 sob o governo de Dom Pedro II, e a publicação de obras pioneiras, como Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens (1832), de Nísia Floresta, que denunciou a desigualdade de gênero e inspirou futuras gerações.

Tendo em vista que ganhamos a batalha da educação feminina em grande parte do planeta, é importante destacar o quanto a leitura desempenha um papel

²¹ BRASIL. Lei nº 3.898, de 15 de outubro de 1827. Dispõe sobre a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Diário do Congresso Nacional, 1827. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacao-original-90222-pl.html. Acesso em: 9 jul. 2025.

²² AzMina. Conheça a história do feminismo no Brasil. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/feminismo-no-brasil/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

fundamental tanto na educação quanto nas práticas de relaxamento que irei aprofundar no próximo capítulo. A leitura não apenas desenvolve o cérebro, ampliando o vocabulário, a criatividade e o pensamento crítico, mas também contribui para o equilíbrio emocional e a redução do estresse, funcionando como um importante recurso para o bem estar mental²³.

Existe um campo de estudo criado pelo produtor mexicano Miguel Sabido, que na década de 1960 desenvolveu o conceito de “entretenimento com benefício social comprovado” (*Entertainment with a proven social benefit*)²⁴. Ele se refere a conteúdos de entretenimento que são intencionalmente elaborados para ensinar algo ou provocar mudanças sociais. Embora a leitura, especialmente de romances, muitas vezes não ocorra com esse objetivo, é possível afirmar que ela também carrega um benefício social comprovado. Ler estimula o pensamento crítico, promove empatia e oferece um espaço de reflexão e descanso especialmente para as mulheres, que historicamente tiveram pouco acesso ao lazer e ao autocuidado. A participante A1²⁵ diz que gosta do gênero romance exatamente por isso, poder aprender com o que está lendo:

Gosto de poder visualizar histórias de romance para além das minhas e poder, não só aprender por meio delas (entender oq (sic) gosto e desgosto numa relação, características que gostaria num parceiro e aprender com os erros dos personagens), mas tmb (sic) dar aquela *fanficada* boa. Para as boas românticas solteiras, o livro te transporta e você pode sentir aquele friozinho na barriga que o romance causa

Sabendo que a leitura é um ato politizado há muito tempo, tanto que foi usado como tática de manipulação do corpo feminino, há diversos desafios a serem enfrentados para exercer esse hábito. Segundo a 6ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2024)²⁶, apenas 47% da população brasileira com mais de 5 anos leu pelo menos parte de um livro nos últimos três meses, enquanto 53% não

²³ MANDU, Maria. A importância da leitura no desenvolvimento intelectual em todas as idades. Maria Mandú, 20 fev. 2025. Disponível em: <https://mariamandu.com.br/noticia/8607/a-importancia-da-leitura-no-desenvolvimento-intelectual-em-todas-as-idades>. Acesso em: 9 jul. 2025.

²⁴ SINGHAL, Arvind; ROGERS, Everett M. *Entertainment-education: A communication strategy for social change*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2002. p. 117. Apud MEIMARIDIS, Melina. “One Chicago”: instituições ficcionais e comfort series na televisão estadunidense. Rio de Janeiro, 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2021.

²⁵ Para preservar o anonimato das participantes da pesquisa realizada, utilizei a identificação por códigos alfanuméricos, como A1, A2, A3, e assim por diante.

²⁶ INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil: 6ª edição*. São Paulo, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 11 jul. 2025.

tiveram contato com livros nesse período. A média de livros lidos por leitor foi de 4,36, e a maioria dos leitores é do gênero feminino (54%) e possui ensino médio completo (36%). Observa-se uma queda significativa em relação à edição de 2019, quando 52% da população eram leitores, indicando a perda de cerca de 6,7 milhões de leitores em quatro anos. Essa é a primeira vez na série histórica da pesquisa que a proporção de não leitores supera a de leitores no país.

A escolaridade exerce forte influência nos hábitos de leitura. No ambiente universitário, 77% dos estudantes são leitores, enquanto entre os não estudantes esse índice cai para 37%. Além disso, 63% das pessoas com ensino superior leem regularmente, o que demonstra a relação direta entre maior escolaridade e maior frequência de leitura. Contudo, a motivação para ler por prazer diminui com a idade: entre crianças de 5 a 10 anos, 38% afirmam ler por gosto, percentual que tende a diminuir à medida que envelhecem, chegando a variar entre 31% e 34% durante a adolescência e até os 24 anos. Esses dados indicam que, embora o nível educacional estimule o hábito da leitura, manter o interesse pela leitura como atividade prazerosa ao longo da vida ainda é um desafio.

Apesar da queda geral no número de leitores, as mulheres continuam lendo mais que os homens. De 2019 para 2024, o percentual de mulheres leitoras caiu 5%, ficando em 49%, enquanto entre os homens a queda foi de 6%, chegando a 44%²⁷. Curiosamente, esse cenário contrasta com o sucesso da Bienal do Livro de 2025, que bateu recorde. O evento recebeu mais de 740 mil visitantes, o maior público dos últimos dez anos, superando em 23% o público da edição anterior de 2023²⁸, mostrando que o interesse pela cultura e pela literatura existe, mas o hábito de leitura ainda não é consolidado na população geral. Entre os fatores que contribuem para esse paradoxo estão o alto custo dos livros, as desigualdades sociais e a concorrência com outras formas de consumo cultural e tecnológico.

A Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2025 contou com diversos destaques para o romance, *stands* com sessões inteiras para livros de amor. Dentre os livros mais vendidos de grandes editoras, havia diversos livros de romance e painéis com

²⁷ PESQUISA aponta perda de quase 7 milhões de leitores em 4 anos no Brasil. *Fundacred*, 2023. Disponível em:

<https://instituicao.fundacred.org.br/news/pesquisa-aponta-perda-de-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-no-brasil>. Acesso em: 15 jul. 2025.

²⁸ G1. Bienal do Rio fecha edição 2025 com 740 mil visitantes, 23% a mais que em 2023. Rio de Janeiro, 22 jun. 2025. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/06/22/bienal-do-rio-fecha-edicao-2025-com-740-mil-visitantes-23percent-a-mais-que-em-2023.ghtml>. Acesso em: 9 jul. 2025.

esse tema. Todo o dia 14 foi dedicado ao gênero, com autoras marcando sua presença no evento e reiterando minha vontade de perguntar porque esses livros fazem o maior sucesso.

Mesmo com tanto interesse no tema, o preço dos livros ainda é um desafio. Na Bienal do Livro, por exemplo, foi possível encontrar obras por até 30 reais, e livros em inglês a apenas 10 reais, valores muito abaixo da média praticada nas livrarias nos últimos meses, onde o preço médio gira em torno de 60 reais (PAINEL DO VAREJO DE LIVROS, 2025). Essa diferença significativa evidencia como o custo ainda é um obstáculo para o acesso à leitura. O entusiasmo enxergado na Bienal do Livro demonstra que o desejo pela leitura persiste, mas esbarra em barreiras como o custo dos livros e a exaustão do cotidiano, especialmente entre as mulheres. Isso nos mostra que o hábito de leitura continua sendo atravessado por questões sociais, econômicas e de gênero que impactam profundamente quem lê, o que se lê e como se lê.

2.2 Formas diferentes de leitura: início, meio e fim

Além de lerem mais, as mulheres hoje contam com diversas formas de leitura que se adaptam ao seu estilo de vida: Kindle, livro físico, *fanfic*, entre outros. Podemos carregar um livro na palma da mão, no mesmo dispositivo em que recebemos notícias do mundo inteiro. Essa diversidade amplia as possibilidades de manter o hábito de leitura, que, após ser criado na infância, precisa ser constantemente estimulado.

Na pesquisa realizada com estudantes universitários do IACS/UFF, com média de idade entre 18 e 23 anos, observou-se que a maioria das entrevistadas começou a ler influenciada pela família, que ficou em primeiro lugar como fator motivador. Outras mencionaram como porta de entrada os gibis da Turma da Mônica ou as *fanfics*, escritos ficcionais produzidos por fãs e postados em plataformas online. A maior parte dessas pessoas iniciou o hábito de leitura ainda na infância, com 75% afirmando ter começado até os 12 anos.

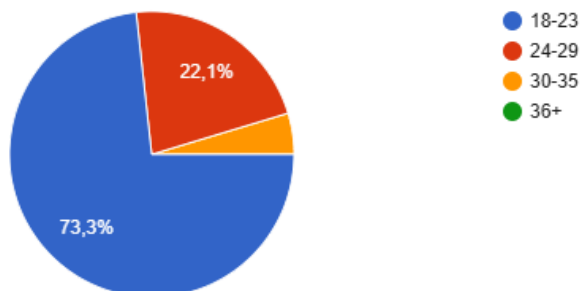
Quanto às motivações para ler um livro, 94,2% das entrevistadas afirmaram que o fazem por entretenimento e lazer, em contraponto com outras motivações como estudo, religião e autoconhecimento.

Figura 2: Idade de participantes da Pesquisa

Idade

86 respostas

 Copiar gráfico



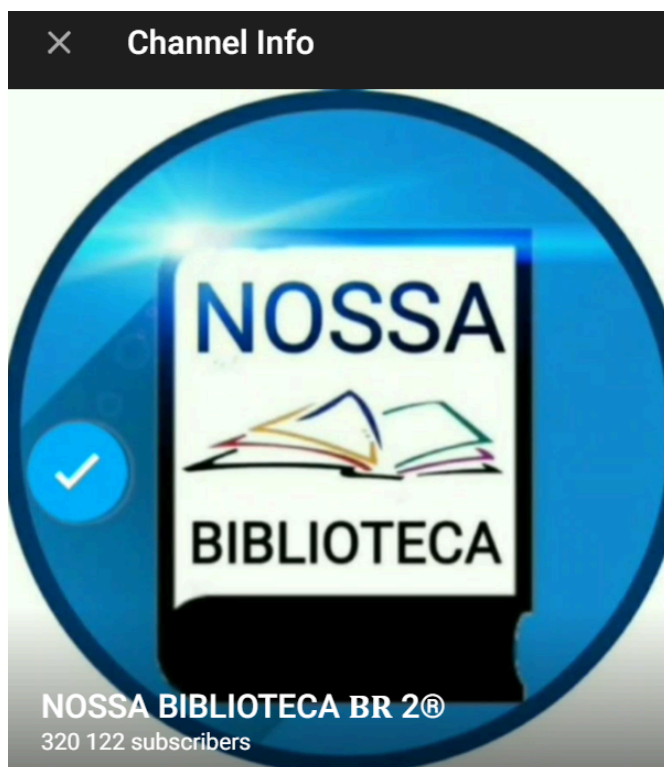
Fonte: Google Forms

Apesar do aumento constante no preço dos livros, que subiu 12,8% e atingiu uma média de R\$54,49 no segundo semestre de 2024 (ibid 2025) , 78% das participantes preferem o livro físico. A compra, porém, ocorre majoritariamente por meio de sites como a Amazon. Segundo René Pacheco, fundador da Mundos Infinitos, uma livraria independente voltada para o mercado de quadrinhos e publicações alternativas, “pelo seu volume, a Amazon compra com condições mais favoráveis do que as outras livrarias”. E isso não é apenas preço, também prazos de pagamento e possibilidades de devolução de não vendidos (Gibzilla, 2024) ou seja, a preferência pelo livro físico se mantém, mas o acesso passa cada vez menos pelas livrarias tradicionais.

Além do uso crescente de *Kindle* e outros e-readers, vale destacar o papel de plataformas como o *Anna's Archive*, um vasto repositório digital que oferece acesso gratuito a milhares de livros, muitos deles difíceis de encontrar no mercado formal. Essas iniciativas, junto com a pirataria, assumem uma função importante para a manutenção da memória cultural, já que muitos títulos deixam de ser reeditados e correm o risco de desaparecer do alcance do público.

A pirataria, portanto, vai além de uma simples questão legal: para muitas pessoas, ela é uma forma de garantir o acesso à cultura e preservar obras que poderiam se perder com o tempo. No Brasil, por exemplo, além do *Anna's Archive*, grupos no Telegram com mais de 267 mil membros atuam como verdadeiros “acervos comunitários”, compartilhando livros digitais e resgatando a tradição antiga de emprestar livros entre amigos.

Figura 3: Número de participantes do canal de compartilhamento Nossa Biblioteca de *ebooks* no telegram



Fonte: Grupo Nossa Biblioteca Br 2 do Telegram

Apesar disso, o acesso à cultura deveria ser universal e respeitar os direitos dos autores. As disputas entre pirataria e compra legal, somadas ao custo elevado do papel e dos livros, dificultam a aquisição de obras por grande parte da população. O recorde de público na Bienal do Livro e promoções em eventos como o Amazon Day mostram que o interesse do brasileiro pela cultura é grande e o problema está nas barreiras econômicas impostas pela mercantilização do conhecimento.

O acesso à cultura deveria ser universal, mas as disputas entre pirataria e compra legal, somadas ao preço do papel e dos livros, tornam a aquisição de obras cada vez mais difícil. Os números recordes de público na Bienal do Livro e as promoções em eventos como o *Amazon Day* mostram que o brasileiro quer, sim, ter acesso à cultura. Não se trata de falta de interesse por arte, literatura ou cinema, mas de uma dificuldade real de manter o consumo cultural diante da mercantilização e dos altos preços.

Assim, lemos como e quando conseguimos diante de tantos estímulos e desafios do dia a dia. Assim, manter o hábito de leitura se torna um ato de conquista. A maioria das entrevistadas indicou o período da noite ou o trajeto para o trabalho como momento preferido para leitura indicando que usufrui de qualquer momento livre para se dedicar a essa prática.

Dessa forma, as diferentes formas de leitura refletem não apenas a adaptação às novas tecnologias e estilos de vida, mas também a persistência de um desejo profundo por conhecimento, entretenimento e conexão. Apesar dos obstáculos, como o preço elevado dos livros e a disputa entre acesso legal e pirataria, a leitura permanece como uma prática essencial e valorizada, especialmente na vida de jovens mulheres.

3. LAZER FEMININO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL

Neste capítulo, vamos refletir sobre a relação entre leitura, romance e lazer, entendendo como esses elementos se cruzam na experiência feminina. Ao longo da história, as mulheres enfrentaram diversas restrições para ler, especialmente obras que envolviam sentimentos, desejos e relações amorosas. Ainda hoje, o romance enquanto gênero literário centrado em histórias de amor é um dos mais lidos por mulheres como forma de entretenimento. Por isso, é importante pensar a leitura como prática de lazer, algo que exige tempo, espaço e disposição emocional.

Quando olhamos para a realidade de muitas mulheres, percebemos que o tempo para si, para o descanso e para a leitura por prazer nem sempre está garantido. Neste capítulo, vamos discutir como o acesso ao lazer influencia diretamente o hábito de leitura e por que essa relação importa quando falamos sobre autonomia, prazer e leitura romântica.

3.1 Relação histórica entre Lazer e Mulher

O lazer feminino nem sempre foi sinônimo de liberdade. Por muito tempo, as mulheres foram controladas e havia regras claras sobre o que podiam ou não fazer em seu tempo livre. Como mostra a matéria da Swissinfo (2020), em 1877, com a introdução da jornada de 11 horas pela legislação federal da indústria no Brasil, os homens passaram a ter um “tempo restante” após o trabalho nas fábricas, que podiam dedicar ao lazer. Já as mulheres, ao final do expediente, eram imediatamente lançadas em uma segunda jornada: lavar roupas, cuidar das crianças, cozinhar e manter a casa em ordem. Ou seja, tiveram que lutar muito para conquistar até mesmo um exíguo tempo livre (Swissinfo, 2020).

Uma pesquisa sobre lazer no Brasil mostra que, quando perguntados sobre o que faziam por obrigação, 61% dos homens e 46% das mulheres mencionaram o trabalho remunerado; já os afazeres domésticos representavam obrigação para 33% dos homens e para 73% das mulheres (Stoppa & Isayama, 2017). Quando a pergunta foi estimulada, o trabalho manteve os percentuais, mas os afazeres domésticos foram indicados como obrigação para 43% dos homens e para 85% das mulheres. Esses dados evidenciam não só a diferença das obrigações entre homens e mulheres, mas também como as mulheres muitas vezes sequer reconhecem

espontaneamente o trabalho doméstico como uma obrigação, tamanha sua naturalização.

Essa sobrecarga é histórica e persistente. A luta da mulher dona de casa, mãe, solteira ou casada, permanece até hoje: a dupla jornada ainda é uma realidade. Muitas mulheres chegam em casa após o trabalho remunerado e precisam cuidar dos filhos, preparar as refeições, limpar a casa e, no dia seguinte, recomeçar tudo sem sequer poder reclamar do cansaço. Como explicam Hirata e Kergoat (2007), essa lógica está enraizada na divisão sexual do trabalho, que atribui às mulheres, de forma naturalizada, as tarefas domésticas e de cuidado geralmente invisíveis e não remuneradas, enquanto os homens ocupam os espaços do trabalho produtivo e valorizado. Essa estrutura reforça desigualdades e compromete diretamente o tempo livre das mulheres, afetando inclusive seu acesso ao lazer e à leitura por prazer.

Nesse cenário, fica evidente que a falta de tempo para o lazer não é um problema novo para as mulheres. Atualmente, o lazer se tornou um tema ainda mais complexo: vivemos em uma sociedade hiperconectada, viciada em telas e estímulos constantes. Poucas vezes paramos para realmente contemplar o nada, relaxar e simplesmente existir. Muitos têm dificuldade até mesmo de entender o que é lazer. Como afirmam Nascimento, Saldanha e Fidalgo (2019, p. 670), o lazer

Pode ser entendido de diversas formas: como tempo de recuperação das atividades laborais, como manifestação cultural, como necessidade humana, como privilégio ou direito social, como atividade educativa e enriquecedora ou prática alienante, como consumo, indústria ou mercado profissional.”Nascimento, Saldanha e Fidalgo (2019, p. 670)

No âmbito feminino, esse tempo foi historicamente controlado tanto no sentido de limitar o acesso, quanto de determinar quais espaços, livros e grupos eram permitidos para as mulheres em seus momentos de lazer. De acordo com Dumont e Espírito Santo (2007), a sociedade patriarcal do século XIX impôs diversas restrições ao acesso das mulheres à leitura, permitindo apenas conteúdos que reforçassem valores tradicionais. Essa limitação também se estendia aos espaços e grupos de leitura, que eram controlados com o objetivo de manter a dominação sobre o pensamento feminino.

Essa lógica de controle sobre o lazer feminino não se restringiu apenas ao campo cultural da leitura. Durante a Revolução Industrial, por exemplo, lojas de

departamento e, posteriormente, shoppings surgiram como espaços onde as mulheres podiam sair de casa para fazer compras e acompanhar as tendências da moda, transformando o dever em prazer e criando um dos poucos ambientes públicos considerados “seguros” para o lazer feminino (Swissinfo, 2020). Hoje, os shoppings ainda são lugares majoritariamente frequentados por mulheres, e a “moda” continua sendo associada ao universo feminino. Isso mostra como o lazer feminino foi, muitas vezes, delimitado a atividades consideradas “apropriadas” e “seguras”, reforçando estereótipos de gênero além de ter uma clara conexão com práticas de consumo..

Essas práticas não surgem do nada. Como explica Pierre Bourdieu, o *habitus* é resultado das relações que estabelecemos com nosso ambiente e das experiências que vivenciamos. Ou seja, a forma como nos relacionamos com o lazer é moldada socialmente, a partir das influências do meio em que estamos inseridas: “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações...” (Bourdieu, 1983b, p. 65).

Na pesquisa realizada para este trabalho, é possível perceber que a influência da leitura, por exemplo, surge a partir de outras pessoas e do espaço em que essas meninas cresceram: 52% citaram a família como principal influência, seguida por escola, amigos e apenas 6% por conta própria. O lazer, portanto, é uma construção coletiva, atravessada por relações de poder, cultura e história. O *habitus* pode ser interpretado aqui como um dos motivos do prazer em ler, passado de geração em geração, junto com outras práticas solitárias consideradas “adequadas” ao feminino, como bordado e costura.

A família, em primeiro lugar, é a maior influência de lazer que temos. As formas como nossos pais descansam e passam tempo condicionam a vida dos filhos, pois são o maior exemplo das crianças. Mesmo que cresçam e desenvolvam seus próprios gostos, existe um marco inicial na vida, pois, como explica Bourdieu, é no *habitus* primário, formado na infância, dentro da família, que se constroem as primeiras disposições duráveis, como o gosto pela leitura (Bourdieu, 2003). Nos brinquedos e brincadeiras, o ideal feminino já aparece: brinquedos de geladeira, cozinha, passar roupa, tudo voltado para meninas, desenvolvendo a ideia de que essas tarefas são perpetuamente femininas. Já brinquedos masculinos, como bola ou beyblade, geralmente exigem grupo, reforçando o lazer coletivo para meninos.

Neste contexto, fica evidente que a divisão de poderes entre os sexos não é natural, mas resultado de processos sociais que começam na infância, quando meninos e meninas recebem uma educação sexista. Cisne (2015) afirma que as bases do patriarcado estão na dominação do pai sobre a mulher e os filhos, uma estrutura que se expandiu para diversos outros campos da vida em sociedade.

É importante notar também as diferenças de influência do lazer feminino e masculino. Da mesma forma que há motivos para o romance ser foco do desejo feminino, existe um motivo para esse gênero não ser estimulado entre homens. Homens também são presos a um sistema que define lazeres específicos para cada gênero: o lazer masculino é mais social, em grupo, ou mais violento, com menos sentimento e introspecção um reflexo histórico. Henderson e Hickerson (2007, p. 89) explicam que “o lazer masculino tradicionalmente enfatiza a competição, a socialização em grupo e atividades que reforçam a identidade masculina, enquanto o lazer feminino tende a ser mais introspectivo e centrado em relações interpessoais”. Scraton e Flintoff (2002, p. 45) complementam que “o esporte e o lazer masculino são frequentemente associados à agressividade e à demonstração de poder, enquanto o feminino é socialmente condicionado a práticas mais calmas e emocionalmente expressivas”.

Na Revolução Industrial, moda e vaidade passaram a ser considerados femininos, enquanto o vestuário masculino se padronizou. Entwistle (2000, p. 72) destaca que “a moda masculina sofreu um processo de uniformização, refletindo valores de sobriedade e funcionalidade, enquanto a moda feminina se tornou um campo de experimentação estética e expressão de identidade”. Essa mudança ajuda a entender como a mudança social estética também afetou diversos âmbitos da vida, como nas formas de lazer que são estimuladas de formas diferentes, um mais rígido e engessado enquanto o outro se tornou um lugar de expressão de sentimentos.

Além disso, Kimmel (2008, p. 125) argumenta que “a construção da masculinidade está profundamente ligada à rejeição da feminilidade, incluindo a vaidade e a expressão emocional, o que limita as formas de lazer e expressão disponíveis para os homens, reforçando um padrão de comportamento que privilegia a dureza e a socialização competitiva”, afastando-os da emoção e do lazer reflexivo que é imposto à mulher.

Também não podemos discutir sobre lazer sem considerar a sociedade da aceleração e do imediatismo que vivemos hoje, e o impacto que isso trouxe para os momentos disponíveis do dia a dia. As redes sociais e a pandemia transformaram nossa forma de viver, tornando o lazer em uma prática muitas vezes performática, centrada no compartilhamento e na busca por validação social (Marwick, 2013; Nobre & Oliveira, 2021). O confinamento também trouxe um retorno às atividades manuais, como crochê e artes, como estratégias para enfrentar o estresse e resgatar formas tradicionais de lazer (Pereira et al., 2021). No entanto, o descanso pleno tornou-se raro, pois a hiperconectividade dificulta a presença e o lazer reflexivo, criando uma tensão entre estar sempre online e a necessidade de desconexão (Turkle, 2017; Rosa, 2019)

Ou seja, existem vários pontos de vista importantes quando pensamos em lazer. Assim como na leitura, a educação, o gênero e a criação influenciam muito, mas também a sociedade e o mundo em que vivemos moldam a forma como vivenciamos o lazer e a leitura. No caso das mulheres, é fundamental olhar para a história delas antes de considerar apenas o conteúdo que consumimos. E para as gerações mais jovens, é preciso levar em conta o momento em que cresceram, com a tecnologia que oferece ferramentas, mas que também pode atrapalhar e distrair.

Por isso, para entender o lazer feminino, não basta olhar só para as escolhas individuais ou para o que está sendo consumido. É preciso considerar o passado, as conquistas, as dificuldades que ainda existem e os desafios atuais para que possamos compreender o lazer como um espaço de autonomia, resistência e construção da identidade.

3.2 O lazer como descanso e a busca pelo descanso

O lazer para as mulheres não é só aquele momento de pausa nas tarefas do dia a dia é também um espaço onde se busca previsibilidade, segurança e controle emocional. Em meio à sobrecarga da dupla jornada e às incertezas da vida cotidiana, o lazer funciona como um refúgio que oferece estabilidade e conforto, permitindo que as mulheres recarreguem as energias físicas e emocionais. Essa busca por previsibilidade está diretamente ligada à necessidade de autonomia e bem-estar, e influencia as escolhas das atividades de lazer, como a leitura de romances, que trazem narrativas estruturadas e emocionalmente acolhedoras.

Antes de tudo, lazer é mais do que “tempo livre” é um direito, uma escolha, um espaço de autonomia. Como define Marcellino (1990, p.31): “Lazer é a cultura, compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no ‘tempo disponível’, sendo fundamental o caráter desinteressado dessa vivência, onde não se busca outra recompensa além da satisfação vivenciada pela própria experiência.” Ou seja, é aquele momento em que a gente se afasta das obrigações para fazer algo que realmente dá prazer, que faz sentido. Mas, mesmo com essa definição tão clara, sabemos que não é tão simples assim principalmente para as mulheres. Ter um momento de lazer de verdade ainda é uma conquista ainda mais nesses últimos tempos.

Vivemos num ritmo acelerado, numa sociedade obcecada pela produtividade e dinheiro. É tela atrás de tela, estímulo atrás de estímulo e desconectar disso não é fácil. É nesse cenário que a relação entre lazer e leitura, especialmente a leitura de romances, ganha força. Na pesquisa que realizamos, mais da metade das entrevistadas falou a mesma coisa de diferentes formas: ler é uma forma de fuga da realidade ou relaxamento. Como a participante A2, disse na pergunta “você acha que ser estudante impacta na escolha dos seus livros?”: “Sim, eu comecei a ler mais fantasias conforme minha vida acadêmica foi ficando mais difícil como uma forma de escape”

Ainda na mesma pergunta, a participante A3 afirmou:

Normalmente leio um romance quando quero intercalar entre livros mais complexos e complicados de ler, para ter uma leitura mais tranquila e relaxante. Ou quando quero me distrair de forma mais leve, sem precisar pensar muito (como acaba acontecendo em livros de fantasia ou distopia)..

Outra autora que corrobora isso é Dumont, ao afirmar que:

Entre os objetivos que levam uma pessoa ao ato de ler estão, segundo Dumont (1998), o lazer, a necessidade de atualizar os conhecimentos, de saber mais sobre determinado assunto e posterior satisfação de matar a curiosidade, podendo chegar ao desejo de “liberar o espírito”. A leitura funcionaria como válvula de escape do mundo real, como parece acontecer com os romances em série, objeto de estudo da autora. (Dumont, 2007, p. 31)

Entrar em um novo mundo, estimular o cérebro a viver outra vida, é um tipo de fuga da realidade. Como diz a música de Sabugo, a Visconde do Lenina, que já “foi para a Grécia e visitou Atlantis sem sair da estante” ele “voou sem sair do chão”.

Essa metáfora ajuda a entender por que o romance é tão buscado: é o oposto da imprevisibilidade que enfrentamos todo dia. E é exatamente por isso que as mulheres leem a previsibilidade, o sentimento, o amor é conforto. Elas buscam um final feliz que possam vivenciar. Outras duas participantes A4 e A5 reforçam essa ideia quando dizem respectivamente: “A perspectiva de um final feliz, uma história com altos e baixos mas que tenha um resultado final legal e que te dê esperanças sobre a vida real.” e “A certeza do “felizes para sempre” no final, o amor verdadeiro, as cenas de quando os personagens começam a se apaixonar sem notar e os *hots* (quando são bem escritos)”

Depois de compreendermos, ainda que brevemente, o quanto as mulheres lutaram para conquistar o direito de ler e de ocupar espaços na educação, e o quanto ainda enfrentam desafios no dia a dia, fica mais fácil entender por que o consumo de romances está tão ligado ao desejo de viver, no tempo de lazer, experiências que ofereçam conforto, a beleza de uma história de amor, a chance de se apaixonar ainda que pela vida de outra pessoa e, muitas vezes, apenas o alívio de acompanhar algo dando certo.

Além disso, trago dados de outra pesquisa, feita em sala durante as aulas de Métodos de pesquisa realizada em 2024 pela professora Flávia Lages, sobre a leitura de *fanfics*. Os entrevistados disseram a partir de um formulário no *google forms* divulgado em diversas redes sociais como *twitter*, *whatsapp* e *instagram* que leem *fanfics* pelo prazer de poder mudar histórias que já conhecem, experimentar outros finais, casais diferentes, novas possibilidades ou seja continuar vivendo e sentindo a paixão que essas histórias nos passaram, continuar no conforto do universo introduzido.

Faz sentido quando pensamos no contexto em que vivemos. Como Bauman (2001, p.37) diz: "Ser moderno significa estar sempre à frente de si mesmo, num Estado de constante transgressão." Freud (1930, p.19) também lembra que: “A vida impõe-nos com força uma série de infortúnios contra os quais não há proteção.” Ou seja, a vida é incerta. Então, no tempo livre, é compreensível querer uma história que a gente possa sentir boas emoções.

Dentro da UFF, especialmente nos cursos do IACS, percebe-se a partir dessa análise que muitas mulheres usam seu lazer para ler romances, um gênero que contrasta com a rotina imprevisível e oferece a chance de viver uma vida onde tudo pode dar certo. E por que isso importa? Porque lazer é, sim, um direito.

Essas histórias não são apenas conforto, elas podem ser vistas como uma forma de resistência simbólica numa sociedade que impõe às mulheres o caos da multitarefa, da autocobrança e da constante instabilidade. Afogar-se em histórias que nos fazem sonhar, nos apaixonar e nos distrair pode ser, portanto, uma maneira legítima e significativa de lazer que oferece às mulheres não só prazer, mas também conforto emocional e um espaço simbólico para respirar mesmo que seja apenas nas páginas de um livro.

Contudo, os relatos das participantes mostram que essa relação com o romance não é unânime. Algumas reconhecem no gênero certos estereótipos e legados históricos que nem sempre dialogam com sua experiência atual. A participante A6, por exemplo, discorda quando questionada a opinião dela sobre mulheres serem atraídas por romance:

Eu não acho muito isso não. Grande parte das minhas amigas leem outros tipos de livros. Acho que isso de mulheres gostarem mais de romance está mais ligado a um estereótipo do que à realidade. Até porque as mulheres hoje buscam mais independência do que relacionamento, o que é bem diferente do que víamos no passado.

A participante A7 complementa, destacando como os papéis de gênero e as expectativas sociais moldam esse gosto desde cedo:

Também tem toda a questão das expectativas sociais e papéis de gênero. Desde cedo somos incentivadas a crer que e a nossa felicidade depende de estarmos casadas e termos uma família...É muito difícil desapegar e desligar uma coisa da outra

Já A8 e A9 por outro lado, reconhecem no romance o escapismo, como válvula de escape emocional frente às exigências da realidade:

Porque a necessidade de fugir um pouco da realidade dos relacionamentos na vida real se tornou gigante nos últimos tempos. Ou até mesmo uma leitura de romances para distrair de problemas maiores na vida real em um geral, não só em relacionamentos. Muitas mulheres buscam se encontrar nas protagonistas, não apenas para se imaginarem ao lado de um interesse romântico do livro, mas também para buscar nas palavras situações/cenários ou frases que façam sentido com a realidade que vivem ou que são capazes de acolher os sentimentos que nem sempre elas são capazes de assimilar na vida real.

Uma mistura dessa vontade/necessidade de se enxergar vivendo uma aventura, uma paixão avassaladora. De querer estar com alguém e se sentir amada por um personagem compreensivo e que a trate bem... Mas também

de se divertir e escapar um pouco do mundo e da vida, que são desgastantes e tem poucos desses momentos mais mágicos, sabe?

Diante dessas diferentes respostas, é possível concluir que o lazer feminino e a leitura de romances em particular não pode ser reduzido a uma experiência única. Ele é atravessado por múltiplas camadas históricas, sociais e afetivas, onde convivem tanto o desejo por prazer e acolhimento quanto o incômodo com padrões e expectativas herdadas. O romance, nesse sentido, é ao mesmo tempo um espelho e um refúgio refletindo as tensões entre autonomia e tradição, entre fuga e enfrentamento, entre sonho e crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as motivações que levam as mulheres a ler romances, investigando como esse hábito se formou em suas vidas e o que esse ato representa para elas. No primeiro capítulo, exploramos a história do gênero romântico, entendendo suas origens e o que caracteriza o romance enquanto literatura. Já no segundo capítulo, refletimos sobre a trajetória das mulheres, as influências que sempre sofreram e as lutas para conquistar o direito de ler livremente, compreendendo como a motivação pela leitura está profundamente conectada a essa história de resistência. Por fim, no terceiro capítulo, analisamos o lazer feminino, sua base histórica e a importância dessa dimensão no contexto atual.

É importante destacar que a pesquisa teve limitações, como o número de respostas coletadas, composta majoritariamente por mulheres universitárias com perfis semelhantes, o que pode ter enviesado algumas das conclusões. Além disso, a análise histórica poderia ser aprofundada com mais dados, já que são situações que possuem diversos lados e contextos diferentes. A diversidade de experiências e vivências femininas impede que se chegue a respostas definitivas sobre as motivações para a leitura do romance, mas continuo acreditando na importância de entender essa história como parte do que vivemos hoje.

Os depoimentos das participantes evidenciam que não existe uma verdade universal sobre o assunto: cada mulher se relaciona com a leitura de romances de maneira diferente, conforme suas vivências e expectativas, muitas veem no romance uma forma de entretenimento saudável, um espaço para viver emoções intensas e uma oportunidade para identificação e acolhimento. Outras questionam estereótipos, apontando que a busca feminina por independência vai além do interesse amoroso e que a literatura atual reflete essa transformação, mostrando protagonistas fortes e trabalhadoras.

O acesso restrito ao tempo livre, a sobrecarga da dupla jornada e a delimitação dos espaços sociais moldaram não só o que se entende por lazer, mas também as formas como as mulheres se apropriam desse tempo. A literatura romântica se molda a cada um desses espaços, entre outros, para atender as necessidades daquelas que o buscam ou não.

Apesar dessas limitações, esta pesquisa abre caminhos para refletirmos sobre o valor do lazer, o acesso ao tempo livre e o papel da cultura na construção da identidade e do bem-estar das mulheres. É possível compreender que há, sim,

motivos que explicam o consumo de romances, e a forma como ele se dá, mas também reconhecer que não se trata de um consenso

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CARLOS, Giovana. Romance sentimental: o protagonismo feminino no gênero. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Goiás, 2019.

CISNE, Mirla. Gênero e Serviço Social: Uma introdução. São Paulo: Cortez, 2015.

CIÊNCIA HOJE. O romance, do século XVII ao XXI. Ciência Hoje, 2020. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/o-romance-do-seculo-xvii-ao-xxi/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; SANTO, Patrícia Espírito. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. Ciências & Cognição, v. 10, p. 28–37, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000100004. Acesso em: 10 mar. 2025.

ENTWISTLE, Joanne. O corpo e a moda: uma abordagem sociológica. São Paulo: SENAC, 2000.

EZELL, Margaret J. M. Writing Women's Literary History. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. Tradução de Renato Zwick. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GARCIA, Wânia. Feminismo: uma ferramenta para compreender o mundo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

GIBIZILLA. Sobre Amazon, altos preços e novos leitores: entrevista com René Pacheco, da Mundos Infinitos. 2024. Disponível em: <https://www.gibizilla.com.br/2024/05/amazon-dependencia/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

GOUVÊA, Maria de Fátima. A educação da mulher no Brasil do século XIX: entre luzes e sombras. In: ROSEMBERG, Fúlvia (org.). Educação e gênero. São Paulo: Cortez, 2004.

HENDERSON, Karla A.; HICKERSON, Benjamin D. Women and leisure. In: HENDERSON, Karla A.; HICKERSON, Benjamin D. (Org.). Introduction to recreation and leisure. 2. ed. Champaign: Human Kinetics, 2007. p. 85-106

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 117, p. 44–52, jul. 2002.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.

JIZENJI, Mônica Yumi. A mulher leitora no século XIX: o espaço e a leitura feminina em São Paulo. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 35, e024004, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/mMBR8jjYNV4XWv6LGBRjRbw>. Acesso em: 17 jul. 2025.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e educação. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

MARWICK, Alice E. Status update: celebrity, publicity, and branding in the social media age. New Haven: Yale University Press, 2013.

MEIMARIDIS, Melina. “One Chicago”: instituições ficcionais e comfort series na televisão estadunidense. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

MUNIZ, Edilene. A mulher na escola brasileira do século XIX: lutas e conquistas. In: JIZENJI, Mônica Yumi (org.). Mulheres e leitura: reflexões sobre a trajetória feminina no Brasil. São Paulo: Intermeios, 2023. p. 45–59.

NASCIMENTO, Anelise da Silva do; SALDANHA, Kelly Fernanda; FIDALGO, Luciana Santana. Lazer e mulher: uma questão de gênero. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 41, n. 2, p. 664–670, 2019.

NOBRE, Wellington Pereira; OLIVEIRA, Karina Aparecida. Lazer performático e redes sociais: reflexões a partir do contexto pandêmico. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 8, n. 2, p. 214-232, 2021.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. O (não) lugar das mulheres na literatura: uma história de apagamento, consumo e resistência. 2024.

ONU MULHERES. Desigualdade de gênero e acesso ao lazer. 2018. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

PEREIRA, Juliana Damasio; COSTA, Thalita Batista; NAKANISHI, Mariane da Silva. Atividades manuais e lazer criativo durante a pandemia de COVID-19: sentidos e ressignificações. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 8, n. 2, p. 87-104, 2021.

RADWAY, Janice A. *Reading the Romance: Women, Patriarchy, and Popular Literature*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984.

ROACH, Catherine M. *Happily Ever After: The Romance Story in Popular Culture*. Bloomington: Indiana University Press, 2016.

ROSA, Hartmut. *Tempos acelerados: reflexões sobre a aceleração social*. São Paulo: Unesp, 2019.

RWA – ROMANCE WRITERS OF AMERICA. About the romance genre. 2025. Disponível em: <https://www.rwa.org/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SCRATON, Sheila; FLINTOFF, Anne (org.). *Gender and sport: a reader*. London: Routledge, 2002.

SINGHAL, Arvind; ROGERS, Everett M. *Entertainment-education: a communication strategy for social change*. Mahwah, N.J: Lawrence Erlbaum, 2002.

STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Lazer no Brasil: representações sociais e práticas cotidianas. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, v. 4, n. 2, p. 98-119, 2017.

SWISSINFO. A invenção do shopping center: lazer e consumo no século XX. 2020. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

TURKLE, Sherry. Alone together: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2017.